

«Uma viagem pela turbulenta relação de Cuba com os EUA na década de 1960 e pelas escolhas pouco ortodoxas de uma mulher obstinada.»

Marie Benedict,
autora de *A Mulher de Einstein*

QUANDO DEIXÁMOS CUBA

CHANEL CLEETON

Autora de *Até para o Ano, em Havana*

TOP
SEL
LER

Bestseller
do *New York Times*

*Para os sonhos que se escapam por entre os nossos dedos.
Que um dia os possamos guardar nos nossos braços.*

prólogo

26 DE NOVEMBRO DE 2016

PALM BEACH

Chega pouco depois da meia-noite, nas horas declinantes da noite, aquelas horas mágicas e inquietantes, guardado num cesto elegante, adornado com um exuberante laço vermelho, entregue por um homem sério, num fato sombrio, que parte tão depressa como chegou, transportado para longe da imponente morada de Palm Beach num *Rolls Royce* prateado, propriedade de um dos mais famosos residentes da ilha.

A mulher pega no cesto, a sua noite a esmorecer até ter desembrulhado o conteúdo no santuário da sala de estar forrada de cores vibrantes, o reconhecimento despontando quando palavras francesas familiares a saúdam.

Um lágrima corre-lhe pelo rosto.

A folha de prata é dura e seca contra a palma da sua mão, o vidro, um bálsamo refrescante na pele, como se tivesse sido arrefecido e deixado à sua espera durante todos aqueles anos. Ela ergue a garrafa do cesto, levando o champanhe para o bar na sala de estar, os dedos repletos de joias tremendo sobre o selo, tateando o topo.

O desafiador estouro da rolha quebra o silêncio da noite. Apesar da hora tardia, é uma ocasião demasiado importante para poder ser negada e, em breve, a sua paz será perturbada por outros ruídos: o tocar do telefone, a conversa animada de amigos e familiares, uma

espécie de celebração depois de uma guerra interminável. Porém, por ora, há isto...

O champanhe explode-lhe na língua. Tem o sabor da vitória e da derrota, do amor e da perda, das noites de sonho e decadência em Havana e dos dias de exílio em Palm Beach. Ela ergue o copo, para um brinde silencioso, a imagem da sua mão — já não a de uma mulher jovem, mas de alguém mais experiente — apanhando-a, ainda e sempre, desprevenida, as rugas que por muitas visitas que faça ao cirurgião plástico nada poderá apagar, uma subtil recordação de que o tempo é o mais cruel dos ladrões.

Quando é que envelheceu tanto?

Não há nenhum bilhete no cesto, mas, na verdade, não é preciso. Quem mais lhe enviaria um tal presente: extravagante, comovente, absolutamente perfeito para si?

Ninguém a não ser ele.

capítulo um

JANEIRO DE 1960
PALM BEACH

O problema de colecionar pedidos de casamento é que estes se assemelham bastante a cultivar excentricidades. Um é verdadeiramente necessário para que se possa ser admirada pela sociedade elegante — ou quase elegante. Dois garantem que será uma convidada desejada nas festas, três acrescentam um toque de mistério, quatro já é um escândalo, e cinco, *bem*, cinco fazem da pessoa uma lenda.

Espreito o homem que oferece um triste espetáculo, apoiado num só joelho à minha frente — *como é que ele se chama?* —, com o corpo inclinado de modo precário, devido ao excesso de champanhe e folia. É um primo em segundo grau do venerável clã Preston, parente por casamento de um antigo vice-presidente, primo de um senador dos Estados Unidos em funções. O seu smoking é elegante, a sua fortuna provavelmente modesta, senão mesmo otimista, não fora a generosidade da doação de uma prima falecida, o queixo enfraquecido por demasiados Prestons a casarem-se com Prestons.

Andrew. Talvez Albert. Adam?

Encontrámo-nos uma mão-cheia de vezes, em festas como esta, em Palm Beach, festas de que eu teria sido rainha em Havana, mas agora sou obrigada a fazer uma vénia e a arrastar os pés, só para conseguir entrar. Provavelmente, podia encontrar pior do que um primo em segundo grau de um elemento da realeza americana; afinal de

contas, a cavalo dado não se olha o dente e quando se é exilado ainda menos. O mais prudente a fazer seria aceitar a sua proposta — a minha auspiciosa quinta — e seguir a minha irmã Elisa no sacramento do santo matrimônio.

Mas onde está a graça disso?

Os sussurros tocam ao de leve no meu vestido, o meu nome — *Beatriz Perez* — nos seus lábios, o peso dos olhares curiosos fixos nas minhas costas, as palavras aproximando-se sorratamente de mim, trepando pelas minhas saias com as suas garras, arrancando as joias falsas do meu pescoço e atirando-as ao chão.

Olha para ela.

Altiva. A família é toda assim. Alguém lhes devia dizer que isto não é Cuba.

Aquelas ancas. Aquele vestido.

Eles não perderam tudo? Fidel Castro nacionalizou todas as plantações de açúcar que eram do pai dela.

Será que não tem vergonha?

O meu sorriso ilumina-se, mais cintilante do que as joias falsas no meu pescoço e com igual dose de sinceridade. Percorro a multidão com o olhar, deslizando-o para lá do Alexander, de joelhos, que me fita como um homem que ainda não se sente à vontade, para lá do guarda de Palm Beach que lança olhares cortantes como punhais na minha direção, repousando nas minhas irmãs Isabel e Elisa que se erguem ao canto, *flûtes* de champanhe na mão. Vê-las lembra-me de que não me devo curvar por nada nem ninguém e ganho coragem.

Viro-me de novo para o Alistair.

— Obrigada, mas terei de recusar.

Mantenho o tom leve, como se tudo aquilo não passasse de uma brincadeira, e uma brincadeira bastante embriagada, já agora, o que *espero* que seja. As pessoas não se apaixonam e pedem em casamento de uma assentada, pois não? Decerto, isso será... inconveniente.

O pobre Arthur parece chocado com a minha resposta.

Talvez, afinal, não se tratasse de uma piada.

Lentamente, ele recupera, com o mesmo sorriso fácil no rosto que permanecera momentos antes de ter caído de joelho, retornando com vingança, restaurando o seu semblante para o que parece ser o seu

estado natural: perpetuamente satisfeito consigo mesmo e com o mundo que habita. Agarra a mão que lhe estendo, a palma da sua mão pegajosa contra a minha, e ergue-se com um oscilar inseguro. Um resmungo escapa dos seus lábios.

Os seus olhos semicerram-se quando ficamos frente a frente — quase olhos nos olhos, diga-se, graças aos centímetros adicionais que os sapatos de salto alto que a minha irmã Isabel me emprestou garantem.

O brilho nos olhos do Alec faz-me recordar uma criança a quem roubaram um brinquedo preferido e que nos irá fazer pagar por isso mais tarde, quando fizer uma birra espetacularmente eficaz.

— Deixa-me adivinhar, deixaste alguém em Cuba?

Há desdém suficiente no seu tom de voz para me arrepiar a pele.

O meu sorriso de diamante reaparece, aprimorado no reflexo da minha mãe e muito útil em situações como esta, as bordas afiadas e quebradiças, avisando o recipiente quanto aos perigos de se aproximar demasiado.

Eu também mordo.

— Algo assim — minto.

Agora que o indivíduo que sabem ser um dos seus está de novo em pé, já não se encontrando prostrado em frente à intrusa que foram obrigados a tolerar durante esta temporada social, a multidão afasta de nós a atenção, com uma fungadela, um suspiro e um floreado de vestidos feitos por medida. Temos dinheiro e influência suficientes — o açúcar é quase tão lucrativo na América como era em Cuba — para que não nos possam ignorar diretamente, mas nem de perto nem de longe o suficiente para impedir que nos devorem como uma lustrosa matilha de lobos que sentem o cheiro a carne. Fidel Castro fez pedintes de todos nós e, só por isso, seria capaz de trespassar o seu coração com uma faca.

E, de súbito, as paredes estão muito próximas, as luzes do salão de baile muito brilhantes, o meu corpete muito apertado.

Já se passou quase um ano desde que deixámos Cuba para o que deveriam ser apenas alguns meses de ausência, até o mundo se aperceber do que Fidel Castro fizera à nossa ilha, e a América acolheu-nos num abraço carinhoso — quase.

Estou rodeada de pessoas que não me querem aqui, ainda que o seu despeito esteja escondido por detrás de um sorriso educado e de uma simpatia fingida. Rebaixam-nos com os seus narizes patrícios, porque a minha família não está na América desde a fundação do país, nem viajou de barco desde Inglaterra ou um qualquer disparate semelhante. As minhas feições são de um tom ligeiramente mais escuro, a minha pronúncia muito estrangeira, a minha religião muito católica, o meu apelido muito cubano.

Repentinamente, uma mulher idosa que partilha a coloração e as feições de Anderson aproxima-se de nós, lançando-me um olhar cortante com o intuito de me humilhar. Num floreado de *Givenchy*, ele é levado dali e eu fico uma vez mais só.

Se levasse a minha avante, não frequentaríamos aquelas festas, exceção feita a esta em particular, não tentaríamos introduzir-nos na sociedade de Palm Beach. No entanto, a minha vontade não importa. Importam apenas a da minha mãe e a das minhas irmãs, e a necessidade de o meu pai aumentar o seu império através destas ligações sociais, para que mais ninguém volte a ter o poder de nos destruir.

E claro, como sempre, o importante é o Alejandro.

Dirijo-me a uma das varandas que se abrem a partir do salão de baile, a bainha do meu vestido apanhada numa mão, com cuidado, para não rasgar o tecido delicado.

Deslizo pelas portas abertas, avançando pelo terraço de pedra, a brisa soprando a saia do meu vestido. Há um ligeiro frio no ar, o céu está limpo, as estrelas brilham sobre nós, a lua está cheia. O oceano é um rugido rouco, distante. É o som da minha infância, da minha idade adulta, que me chama como o canto de uma sereia. Fecho os olhos, sentindo neles um pequeno ardor, e finjo que me encontro numa outra varanda, num outro país, num outro tempo. O que aconteceria se me dirigisse agora à água, se deixasse a festa para trás, tirando os sapatos que me apertam os pés e enterrando os dedos na areia, com o mar a formar uma poça em redor dos meus tornozelos?

Uma lágrima desliza pelo meu rosto. Nunca imaginei que fosse possível sentir tanta falta de um sítio.

Esfrego a pele húmida com as costas da mão, deslizando o meu olhar para os limites da varanda, para as palmeiras que se agitam ao longe.

Um homem apoia-se na balaustrada, um lado dele mergulhado na escuridão, o resto iluminado por um raio de luar.

É alto. Tem o cabelo louro — quase ruivo, na verdade. Os braços seguram a balaustrada, os ombros tensos sob o smoking feito por medida.

Recuo e ele avança...

Estaco.

Oh.

Oh.

O problema de as pessoas passarem toda uma vida a dizer-nos que somos belos é que, quanto mais o ouvimos, mais insignificante se torna. E, já agora, o que significa «belo»? Que as nossas feições estão dispostas de acordo com uma forma que alguém, algures, decidiu arbitrariamente que seriam agradáveis? «Belo» nunca chega aos pés das outras coisas que podemos ser: inteligentes, interessantes, corajosos. E, no entanto...

Ele é belo. Chocantemente belo.

Parece ter sido pintado com pinceladas largas, o rosto imortalizado nos exuberantes traços e espirais do pincel do artista, um deus descido para se intrometer nos assuntos de meros mortais.

Irritantemente belo.

Parece o tipo de homem que nunca teve de se perguntar se teria um teto sobre a sua cabeça, nem temeu que o pai morresse numa jaula com outros oito homens, nem fugiu da única vida que alguma vez conheceu. Não, parece o tipo de homem a quem dizem que é perfeito deste o momento em que acorda pela manhã até ao momento em que a sua cabeça volta a repousar na almofada à noite.

Ele também reparou em mim.

O Menino de Ouro recosta-se contra o corrimão, com os seus braços fortes cruzados à frente do peito. O seu olhar inicia a viagem pelo cimo da minha cabeça, onde eu e a Isabel nos debatemos com o meu penteado durante uma hora, amaldiçoando a falta de uma criada que nos pudesse ajudar. Partindo do meu cabelo escuro, ele atravessa toda a extensão do meu rosto, descendo até ao decote exposto pelo corpete baixo do meu vestido, às berrantes joias falsas que, de súbito, me fazem sentir inequivocamente vulgar

— como se ele pudesse ver que sou uma impostora —, à minha cintura, às ancas.

Dou mais um passo atrás.

— Deverei chamar-lhe prima?

As palavras dele interrompem o meu movimento, mantendo-me imóvel com a mesma certeza de uma mão que se fosse pousar na minha cintura, como se fosse o tipo de homem habituado a vergar os outros à sua vontade, sem esforço algum.

Odeio homens assim.

A sua voz tem a sonoridade que, já o aprendi, vale ouro no seu país: suave, decidida, privada de qualquer toque de exotismo — do tipo errado, pelo menos.

Arqueio uma sobrancelha.

— Desculpe?

Ele afasta-se do corrimão, as pernas longas percorrendo a distância que nos separa. Para, quando fica suficientemente perto, para que eu tenha de inclinar a cabeça para fitar os seus olhos.

São azuis, da cor das águas mais profundas do Malecón.

Sem quebrar o contacto visual, estende a mão entre nós, o polegar deslizando pelo meu dedo anelar despido. O seu toque é um choque, despertando-me do sono de uma festa da qual me fartei há horas. A sua boca inclina-se num sorriso, pequenas rugas ondulando a pele em redor dos seus olhos. Que bom ver que até os deuses têm falhas.

— O Andrew é meu primo — oferece como forma de explicação, o seu tom ligeiramente divertido.

Apercebi-me de que a maioria das pessoas ricas, que ainda são, de facto, ricas, consegue fazer isto, como se um pouco mais de diversão fosse atrozmente inconveniente.

Andrew. O quinto pedido de casamento tem nome. E o homem que se ergue à minha frente tem, provavelmente, um nome de prestígio. Será ele um Preston ou não será senão parente de um como o Andrew?

— Estávamos todos à espera, sustendo a respiração de entusiasmo, para ver o que ia dizer — comenta.

Ali está de novo aquele ligeiro divertimento, uma espécie de arma quando adequadamente afinado. Tem o mesmo toque de irritabilidade

que todos parecem possuir por aqui, mas parece estar a rir-se comigo e não de mim, o que é uma mudança bem-vinda.

Ofereço-lhe um sorriso e as suas arestas cortantes parecem suavizar-se um pouco.

— O seu primo tem um sentido de oportunidade impecável e um claro prazer em atrair multidões.

— Já para não falar de um gosto excelente — contrapõe o Menino de Ouro com suavidade... *com demasiada suavidade*, respondendo ao meu sorriso com um seu, este ainda mais encantador do que o primeiro.

Ele já era belo, mas isto é simplesmente ridículo.

— É verdade — concordo.

A falsa modéstia serve-me de pouco nos dias que correm; se não lutarmos por nós, quem lutará?

Ele inclina-se um pouco mais para mim, como se partilhássemos um segredo.

— Não é de admirar que tenha deixado toda a gente em polvorosa.

— Quem? Eu?

Ele dá uma gargalhada. O som baixo, sedutor, como o primeiro gole de rum a enroscar-se na nossa barriga.

— Sabe bem o efeito que provoca. Vi-a no salão de baile.

Como é possível que não o tenha visto? Ele não se funde, propriamente, com a multidão.

— E o que viu? — pergunto, encorajada pelo facto de o seu olhar ainda não se ter afastado.

— Vi-a a si.

O meu coração acelera.

— Vi-a a si, simplesmente. — A sua voz quase não se ouve sob o som do mar e do vento.

— Eu não o vi. — A minha própria voz soa rouca, como se pertencesse a outra pessoa, alguém que se sente *perturbada* por isto.

O meu olhar também não se afastou ainda do dele.

Os seus olhos abrem-se ligeiramente, uma covinha marcando-lhe as bochechas, mais uma imperfeição, ainda que lhe conceda mais carácter do que defeito.

— Sabe, sem dúvida, como fazer um tipo sentir-se especial.

Enrolo os dedos numa bola, para me impedir de ceder à tentação, para resistir ao desejo de estender o braço e pousar a mão no seu rosto.

— Desconfio que muitas pessoas o fazem sentir-se especial.

Lá está de novo aquele sorriso.

— Isso é verdade — reconhece.

Mudo de posição até ficarmos ombro com ombro, fitando o céu iluminado pela lua.

Ele lança-me um olhar de esguelha.

— Imagino, então, que seja verdade?

— O que é verdade?

— Dizem que governava como uma rainha em Havana.

— Não há rainhas em Havana. Apenas um tirano que almeja ser rei.

— Presumo que não seja fã dos revolucionários?

— Depende dos revolucionários a que se refere. Alguns tinham a sua utilidade. Fidel e os da sua laia são pouco mais do que abutres que se alimentam do cadáver de Cuba. — Avanço, contornando-o de tal modo que toda a saia do meu vestido desliza contra o seu smoking elegante. Sinto-o atrás de mim, a sua respiração na curva do meu pescoço, mas não olho para trás. — O presidente Batista precisava de ser eliminado. Nisso, tiveram êxito. Agora, se ao menos conseguíssemos ver-nos livres dos vitoriosos.

Viro-me, fitando-o.

O seu olhar tornou-se mais afiado, abandonando o seu brilho indolente e tornando-se bem mais interessante.

— E substituí-los por quem, exatamente?

— Um líder que se preocupe com os cubanos, com o seu futuro. Que esteja disposto a libertar a ilha do jugo dos americanos. — De pouco me preocupa que ele seja americano; não sou um deles e não tenho qualquer desejo de fingir que sou. — Um líder que possa reduzir a influência do açúcar — acrescento, as minhas palavras distantes da posição da minha família. Apesar da fortuna que nos trouxe, é impossível negar a influência destruidora que a indústria trouxe à nossa ilha, por muito que o meu pai tente fazê-lo. — Um que nos traga a verdadeira democracia e a liberdade.

Ele fica em silêncio, o seu olhar avaliando-me uma vez mais, e não tenho a certeza se será em resposta ao vento ou à sua respiração no meu pescoço, mas a minha pela fica arrepiada.

— É uma mulher perigosa, Beatriz Perez.

Os meus lábios curvam-se. Inclino a cabeça para o lado, estudando-o, tentando, desesperadamente, lutar contra o suave toque de prazer suscitado pela expressão «mulher perigosa» e pelo facto de ele saber o meu nome.

— Perigosa para quem? — brinco.

Ele não responde, mas, mais uma vez, não precisa de o fazer.

Mais um sorriso. Mais uma covinha nas suas bochechas.

— Aposto que deixou atrás de si um rasto de corações partidos.

Encolho os ombros, apercebendo-me de que o seu olhar é atraído pelo meu ombro exposto.

— Um pedido de casamento, ou quatro, talvez.

— Delfins do rum e barões do açúcar ou combatentes pela liberdade, barbudos e desgrenhados?

— Digamos apenas que os meus gostos são variados. Beije Che Guevara, certa vez.

Não consigo perceber quem fica mais chocado com a revelação. Não sei porque disse aquilo, porque estarei a partilhar um segredo que nem a minha família conhece com um desconhecido. Para o chocar, talvez; estes americanos são tão fáceis de escandalizar. Para o avisar de que não sou uma debutante afetada; vi e fiz coisas que ele nem consegue imaginar. E além disso, talvez, por haver poder em tudo aquilo que estamos dispostos a fazer para libertarmos o nosso pai da prisão infernal de Che Guevara, La Cabaña. É uma boa história, ainda que, interiormente, eu estremeça perante a jovem rapariga cuja *hubris* a fez pensar que um beijo lhe poderia salvar a vida.

— Gostou? — a expressão do Menino de Ouro é imperscrutável, uma máscara inteligente e eficaz que desliza para o seu lugar. Não consigo perceber se está escandalizado ou se sente pena de mim; prefiro o desdém da sociedade à pena dele.

— Do beijo?

Ele acena com a cabeça.

— Teria preferido cortar-lhe a garganta.

Para seu crédito, ele não estremece ao ouvir a minha resposta sedenta de sangue.

— Então porque o fez?

Surpreendo-me — e talvez também a ele — ao optar pela verdade em vez da prevaricação.

— Porque estava cansada de que as coisas me acontecessem e queria fazer as coisas acontecer por mim mesma. Porque estava a tentar salvar a vida de alguém.

— E salvou?

O gosto da derrota enche-me a boca de cinzas.

— Dessa vez, sim.

A onda de poder traz consigo outra emoção, a recordação da vida que não fui capaz de salvar, de um carro com os pneus a chiar ao parar em frente dos enormes portões da nossa casa, a porta a abrir, o cadáver ainda quente do meu irmão gémeo a tombar para o chão, o seu sangue a manchar os degraus onde brincáramos outrora, quando éramos crianças, a sua cabeça pousada no meu colo, enquanto eu soluço.

— É tão mau como todos dizem? — O tom da sua voz tornou-se gentil perante algo que eu dificilmente consigo suportar.

— Pior.

— Não consigo imaginar.

— Não, não consegue. Não faz ideia da sorte que teve em nascer neste tempo, neste lugar. Sem liberdade, não temos nada.

— E o que diria a um homem a quem restam apenas alguns minutos de liberdade?

— Fuja — respondo em tom seco.

O fantasma de um sorriso desliza-lhe pelo rosto, mas é óbvio que não está a acreditar no que lhe estou a vender, gosto mais dele por isso, por ver para lá da minha fachada.

— Para saborear os seus últimos minutos — corrijo.

Quero perguntar-lhe o nome, mas o orgulho impede-me de o fazer — o orgulho e o medo.

Tais luxos não cabem de momento na minha vida.

Pestanejo e sou saudada por uma palma de mão aberta, que aguarda que a minha se lhe junte.

— Dance comigo.

Engulo em seco, a boca subitamente seca. Inclino a cabeça para o lado, estudando-o, fingindo que o meu coração não ribomba violentamente no meu peito, que a minha mão não está desejosa de pegar na dele.

— Porque será que isso me parece mais um desafio do que um convite?

A música é um zumbido suave no pano de fundo da noite, as notas deslizando até à varanda vazia.

— Dance comigo, Beatriz Perez, beijadora de revolucionários e ladra de corações.

É demasiado suave nas palavras e eu gosto demasiadamente dele por isso.

Abano a cabeça, um sorriso a brincar nos meus lábios.

— Eu nada disse sobre roubar corações.

Ele responde ao meu sorriso com um sorriso espetacular, atingindo-me com toda a sua voltagem.

— Não, disse eu.

Será que tenho a mais pequena hipótese?

Ele avança, uma vez mais obliterando o espaço entre nós, a sua água de colónia enchendo-me as narinas, os meus olhos ao nível do branco neve do peito da sua camisa. A mão dele desliza para repousar na minha cintura, o calor da palma da sua mão aquecendo-me através do tecido fino do meu vestido. Ele pega na minha mão com a sua mão livre, entrelaçando os nossos dedos.

O meu coração salta-me no peito, enquanto o sigo. Sem qualquer surpresa, trata-se de um dançarino natural, confiante.

Não falamos, por outro lado, tendo em consideração o diálogo entre os nossos corpos — o restolhar do tecido, o leve roçar dos membros, os toques fugazes que ficam gravados na minha pele — as palavras parecem supérfluas e muito menos íntimas.

O problema de colecionar pedidos de casamento é que as pessoas nos presumem namoradeiras, e talvez eu o tenha sido, há muito tempo, mas agora parece pouco natural fazer-me de *coquette*. Estou algures entre a rapariga que era e a mulher que quero ser.

A canção termina, começa outra muito mais rápida, a dança estende-se para a eternidade e termina num abrir e fechar de olhos.

Ele liberta-me com um suave movimento dos ombros, o ar frio entre nós, os meus dedos sentindo a falta dos seus entrelaçados neles, o choque da sua ausência surpreendentemente aguçado.

Fito os seus olhos, preparando-me para o ataque sedutor a que se seguirá, provavelmente, o convite para almoçar ou jantar, os elogios à minha dança, o calor do seu olhar. De momento, não tenho qualquer utilidade para envoltivos românticos, embora imagine que me agradaria muito estar temporariamente envolvida com este homem.

Ele sorri.

— Obrigado pela dança.

Vejo-o afastar-se, sentindo-me segura na certeza de que irá voltar-se e olhar para mim.

Não o faz.

A surpresa assalta-me quando ele desaparece no salão de baile, no mundo ao qual pertence, claramente. Passam-se minutos antes de me sentir pronta para regressar ao salão, aos candelabros cintilantes, ao duro tremeluzir dos outros convidados.

Atravesso a porta da varanda. Encontro a Isabel num dos lados; não vejo a Elisa em parte alguma.

— Foi para casa. Não se estava a sentir bem — responde a Isabel quando lhe pergunto pelo paradeiro da nossa irmã.

Um empregado aproxima-se de nós, uma bandeja de *flûtes* de champanhe na mão, mais empregados por todo o salão de baile fazem igual oferta a outros convidados, um murmúrio ressoa através da festa, sussurros escondidos atrás das mãos em concha, nomes nos lábios de todos, a calmaria antes do estalar do escândalo.

Curiosa quanto ao rumor sobre o qual todos se debruçam, analiso a multidão, em busca do Menino de Ouro, em busca...

Ele encontra-se junto à orquestra, perto da frente da sala, com um casal mais velho e uma mulher.

Oh.

Oh.

Não vale a pena dissecar as suas falhas, pois temo ser um empreendimento inútil e que não me fará favor algum. É absolutamente claro que a sua família chegou num grande navio aquando da fundação desta nação; ela é espantosa, com o seu cabelo louro e feições

delicadas, o complemento perfeito ao ar dourado dele. O vestido ao gosto da moda mais recente, as joias decerto não são falsas, os lábios curvam-se num belo sorriso.

Quem poderia culpá-la por sorrir?

Junto-me ao resto do salão de baile, erguendo o copo de champanhe e brindando ao casal feliz, enquanto o pai da futura noiva anuncia o noivado da filha com um certo Nicholas Randolph Preston III. Ele não é apenas um Preston; é o Preston. O senador dos Estados Unidos que se diz ter aspirações a chegar um dia à Casa Branca.

Os nossos olhares cruzam-se através do amplo salão de baile.

Como é possível que não tenha antevisto algo assim? No final, a vida resume-se a uma questão de oportunidade.

É noite de passagem de ano, 1958, e o nosso mundo é feito de festas e viagens de compras; é Dia de Ano Novo, 1959, e há soldados e armas e morte.

Conhecemos um homem numa varanda e, por um momento, esquecemo-nos, apenas para voltarmos a ser recordados de como o destino pode ser volúvel .

Despejo o copo de champanhe num trago nada feminino.

E depois vejo-o — aquele com quem me vim encontrar — e mais nada importa.

Ao contrário de Nicholas Preston, este homem é baixo e corpulento, o seu cabelo escasseia no topo, o nariz mais adequado a um rosto muito maior. Enverga o smoking como se estivesse a ser estrangulado por ele. De acordo com a investigação que fiz, é convidado para estas festas apenas por uma razão: a sua mulher é a queridinha do circuito das obras de caridade, o seu nome de solteira sussurrado com reverência pelo salão de baile. Ele prefere claramente o conforto das sombras, cada centímetro dele reforçando as informações que recebi: trata-se de um homem que não tem medo de arregaçar as mangas e sujar as mãos, que gosta de mover líderes mundiais como quem move peças num tabuleiro de xadrez.

O seu apelido é Dwyer e é o homem da CIA na América Latina.

Menti antes quando Nicholas Randolph Preston III — o senador americano que em breve irá casar — me perguntou acerca da liberdade. Eu saboreá-la-ia — por um momento.

E depois lutaria como uma louca para garantir que nunca, mas nunca mais me seria tirada.

Por agradáveis que sejam as danças com príncipes, iluminadas pela lua, vim tratar de questões mais importantes. Vim encontrar-me com o homem que me vai ajudar a vingar a morte do meu irmão Alejandro e a matar Fidel Castro.

capítulo dois

Mesma varanda. Homem diferente. Mesmo olhar avaliador, com a exceção que desta vez não existe qualquer brilho de admiração ou centelha de atração. E não há, sem dúvida, qualquer dança, embora a música paire ainda em pano de fundo.

— Parece que temos um inimigo comum — diz o Sr. Dwyer. As suas feições rudes apresentam uma máscara cautelosa; o seu olhar demora-se no meu rosto, no meu corpo. É, no seu olhar avaliador, todo ele um mestre espião: inabalável, minucioso, oportunista.

O papel da CIA na América Latina tem sido sangrento e brutal, os sussurros dos seus envolvimento em locais como a Guatemala chegam aos círculos que agora frequento, graças ao manto que o meu irmão passou para mim depois da sua morte.

— Assim é — reconheço.

— E acha-se capaz de fazer algo em relação a ele?

O Dwyer retira um cigarro fino de uma cigarreira de ouro; a chama do isqueiro com gravações a condizer faz crepitar o papel. A primeira baforada de fumo ergue-se no ar, o cheiro inebriante do tabaco enche a varanda, misturando-se com o perfume que eu pus nos pulsos.

— Acho.

Talvez seja estranho que aos 22 anos, e sendo mulher, me encontre nesta varanda no lugar de alguém como o meu pai, alguém que passou toda a sua vida a acumular poder e influência, mas é precisamente a natureza da minha idade e do meu género que me tornam numa arma atraente. Para que isso funcione, necessitam de alguém

que se possa aproximar de Fidel, alguém que ele não veja como uma ameaça, que possa atrair o seu interesse. Afinal de contas, de quem é mais fácil não se fazer caso senão de uma mulher, ainda para mais debutante? Fidel tem muitos vícios, e é bem sabido que o seu calcanhar de Aquiles é a beleza feminina.

— Esteve envolvida com os rebeldes em Havana? — O olhar do Dwyer é impiedoso e ligeiramente desaprovador. A relação da CIA com o antigo presidente cubano Batista era, no mínimo, complicada; eu e outros como eu provocámos-lhe a nossa quota parte de problemas ao longo dos anos.

A guerra gera estranhos aliados.

— Estive.

— Por causa do seu irmão?

Talvez ele pretendesse apanhar-me desprevenida com os pormenores acerca da minha vida que foi recolhendo, mas dificilmente me poderia surpreender que soubessem acerca do envolvimento do Alejandro na revolução ou acerca da sua morte. Os americanos já se intrometem nas questões cubanas há muito tempo, permitindo-lhes as suas maquinações puxarem os cordelinhos por Batista e outros como ele.

— No início — respondi, o meu tom consideravelmente mais frio.

O Dwyer sorri, o esforço não natural no rosto que parece ter pouca utilidade para encantos faz surgir rugas nas pregas e dobras da sua pele.

— Posso fazer de inescrutável com os melhores, menina Perez, mas a menina solicitou este encontro, por isso, se me vai convencer de que isto vale o meu tempo, é melhor que comece já.

Em Cuba, as pessoas sofrem, morrem, enquanto aqui se encontra um homem de smoking a planear ociosamente um golpe entre bafuradas de cigarro. O facto de, muito provavelmente, estar a gostar só aumenta a ofensa.

— Não se estaria a encontrar comigo aqui se não se sentisse um bocadinho desesperado. — A minha confiança cresce um pouco a cada palavra que me sai dos lábios. — Não estaria aqui se não estivesse em busca de maneiras criativas de se aproximar de Fidel — acrescento.

— Se ele não tivesse recusado toda e qualquer abertura diplomática que já realizaram. Sou eu quem arrisca tudo (a minha reputação, a da minha família, a minha *vida*), por isso, por favor, explique-me em que medida é que eu preciso mais de si do que você de mim. Poderia encontrar facilmente um homem rico que deslizasse um anel no meu dedo e me comprasse uma grande mansão enquanto o mundo arde à minha volta, mas é você quem tem os comunistas a respirar-lhe ao pescoço, é a sua cabeça que irá rolar se a América Latina cair. Têm um potencial barril de pólvora a 145 quilómetros das costas da América. Precisam de Cuba. E precisam de mim. Não insultemos a inteligência um do outro fingindo que não é assim.

Ele inclina a cabeça numa saudação fingida por entre uma nuvem de fumo.

— O Eduardo bem disse que era mais do que um rosto bonito.

Eduardo Diaz, o filho de um dos amigos do meu pai, foi ele o homem que orquestrou este pequeno encontro, um dos muitos que ajudou a minha família a aclimatar-se à vida nos Estados Unidos.

O Dwyer dá mais uma baforada no seu cigarro.

— Nesse caso quer começar de novo? O que a faz pensar que se pode aproximar de Castro?

— O facto de ele ser um homem.

Será realmente preciso dizer mais alguma coisa? Não se reúnem cinco pedidos de casamento sem se aprender uma ou duas coisas sobre como lidar com os homens.

— Já se encontrou com ele antes? Ele também já se lhe declarou? Parece que a minha reputação, uma vez mais, me persegue.

— Não, ele nunca teve esse prazer. Contudo, já me encontrei com Guevara uma mão-cheia de vezes.

— E Guevara confia em si?

Permito-me um fungar muito pouco feminino.

— Nem por isso. Duvido que seja algo que o preocupe, num sentido ou noutro, mas a ideia não é essa? Sou a rapariga que eles conhecem das páginas da alta sociedade. Uma das infames rainhas do açúcar que eles tanto desprezam, mas a quem não conseguem resistir. Ninguém me considera uma ameaça, e tendo em consideração a dimensão dos seus egos, o seu desdém pela minha família e a dimensão do meu

apelido, a ideia de fazerem uma tão grande desfeita ao meu pai é iminentemente persuasiva. Além disso...

A minha voz silencia-se, mas não preciso de terminar o pensamento. Revolucionários, tiranos, não importa. São, no fundo, homens, impelidos por outras coisas além do seu intelecto.

O olhar do Dwyer desliza uma vez mais pela minha aparência, examinando as curvas em exposição, apercebendo-se dos sinais de que a minha situação piorou: o vestido ligeiramente afastado da moda, os sapatos que não servem na perfeição, o brilho garrido do colar em redor do meu pescoço.

Apesar de toda a minha pose, também preciso disto e ele sabe-o.

— Então como se propõe chegar até ele? Em Cuba?

Acena com a ideia à minha frente, como um doce à frente de uma criança. O que não daria para regressar a casa, ao único local onde alguma vez senti que pertencia? Regressar para junto dos meus amigos, da minha família alargada, do meu povo, pôr um fim a esta espera interminável?

— Talvez — respondo. — Ou quando ele vier aos Estados Unidos para uma visita diplomática.

Fidel foi convidado a visitar os Estados Unidos em abril último, três meses depois de ter assumido o poder. Para seu crédito, o presidente Eisenhower não o recebeu, mas o ditador cubano reuniu-se com o vice-presidente Nixon. Tendo em consideração o homem que estava à minha frente, o seu encontro não tinha corrido bem.

— Fidel não é um homem imprudente. Pelo menos, não com a sua vida. Não será fácil chegar perto dele, mesmo com os seus encantos consideráveis — avisa o Dwyer.

— Não preciso que seja fácil. Preciso de uma oportunidade.

— E se não tiver êxito? Se os guardas dele a impedirem, podem matá-la. É provável que o façam. Há sítios onde o seu apelido não a irá proteger. Está preparada para isso?

— Se não tiver êxito, eles irão matar-me. Posso garantir-lhe que estou bem consciente dos riscos. Não iria voluntariar-me para isto caso não estivesse.

— Não a tomei por uma idealista.

Ele diz «idealista» como se fosse uma palavra vulgar.

— Não sou.

— O seu irmão...

— Não falo acerca do meu irmão. É algo que não entende.

O Alejandro foi o primeiro a falar quando começou a ver as brechas na vida que levávamos em Cuba antes da revolução. O seu ultraje perante a riqueza e a posição da nossa família em contraste com o sofrimento dos que nos rodeavam jorrava à mesa do jantar. Por fim, juntou-se à Federación Estudiantil Universitaria, um dos grupos de estudantes que se estavam a organizar na Universidade de Havana, e envolveu-se com a resistência ao então presidente cubano Fulgencio Batista, participando no ataque ao Palácio Presidencial que acabaria por levar o nosso pai a deserdá-lo. Ainda que a maioria visse Batista através de uma lente negativa, o nosso pai optara pela amizade como um mal necessário.

Como em tudo nas nossas vidas, onde o Alejandro ia, eu seguia-o, até que a sua raiva se tornou na minha raiva, os seus sonhos nos meus sonhos, a sua esperança na minha esperança, a sua morte na minha morte.

Deixámos o meu irmão para trás em Cuba, enterrado num mausoléu com inúmeros outros membros da família, o seu corpo enterrado por baixo do mesmo solo que os seus assassinos agora controlavam.

Inspiro fundo.

— Está interessado na minha ajuda ou não?

O Dwyer apaga o cigarro no chão com a biqueira do seu sapato de noite.

— Possivelmente. Entraremos em contacto consigo.

Partiu, com um curto aceno de cabeça, deixando-me sozinha na varanda, dilacerada entre a esperança e o desespero.

Sou apenas eu, a Isabel e a Maria na casa dos nossos pais, agora que a Elisa casou. A Maria passa os dias na escola, enquanto eu e a Isabel nos esforçamos por ocupar o tempo. Fazemos voluntariado em instituições de caridade, na igreja, e depois, claro, tenho as minhas atividades políticas extracurriculares. Ainda assim, parece tão inútil. Ressuscitei a discussão quanto a podermos frequentar a universidade, pedi para ajudar na empresa do açúcar que o nosso pai está a ressuscitar da sua quase morte graças à revolução de Fidel.

Há oito meses, o regime passou a lei da reforma agrária, limitando a extensão de terrenos na posse dos privados, redistribuindo os restantes ou tomando-os para uso do governo. De uma penada, tudo o que a minha família e outras como a nossa haviam construído durante séculos simplesmente desapareceu. Os rumores que chegam do nosso país prenunciam algo muito pior. Milhares dos meus conterrâneos foram torturados, aprisionados, assassinados.

— Devia ter cuidado.

A voz atrás de mim faz-me saltar e giro lentamente, prolongando o instante durante mais um pouco, por uma questão de vaidade feminina, mas acima de tudo para desanuviar a mente.

Não é menos de ouro, agora que sei quem é ou que está oficialmente noivo. De facto, a única coisa que lhe mancha o rosto belo é o franzir de sobrolho que me dirige.

— O Dwyer não é alguém em cuja lista negra gostasse de estar — avisa Nicholas Preston.

Tendo em consideração a sua posição influente no governo, não me surpreende que ele conheça um oficial da CIA; tendo em consideração o interesse que vi no seu olhar, também não me surpreende que tenha seguido o meu afastamento do salão de baile no meio do anúncio do seu noivado.

No entanto, eriço-me com as palavras, com o aviso contido no seu tom, com a implicação de que necessito de um guardião.

— Posso tomar conta de mim mesma.

— Talvez possa, mas isso não significa que não devesse ter mais cuidado em relação às suas companhias. O Dwyer não se sentirá culpado por a utilizar para alcançar os seus fins, e não se preocupará excessivamente com o que lhe acontecer no processo. Ele não brinca em serviço.

— Ótimo, pois eu também não.

As suas palavras assemelham-se muito às que os meus pais colocam à minha frente, as barreiras e os obstáculos — o meu género, o estatuto da nossa família, a necessidade de casar com um homem que se adegue bem à nossa família, a importância de fazer sempre avançar a nossa posição no mundo.

Ele avança e eu inclino a cabeça para o lado, estudando-o.

— Devia andar por aqui, senador Preston? Imagino que a sua noiva não fique muito agradada por o ver tão preocupado com os assuntos de uma outra mulher. Em especial alguém como eu.

Nesta cidade tranquila, nesta ilha insular, sou um escândalo.

Um tique nervoso irrompe no seu maxilar quando a palavra «noiva» tomba dos meus lábios. Todo o seu corpo estremece perante a palavra «assuntos».

Sorrio, desta vez exibindo os dentes.

— Tal como eu disse, posso cuidar de mim mesma.

Ele não fala, o silêncio estende-se entre nós, e depois ele acena com a cabeça, o movimento rígido, a familiaridade que existia entre nós mais cedo, na varanda, apagada.

— Claro que pode. Peço desculpa por me ter intrometido. — Há um toque de troça no seu tom e a curva dos seus lábios sugere que ele também morde. — Tal como disse, a minha noiva está à minha espera.

Aquelas palavras revelam-se extremamente eficazes a encerrar uma conversa, dado que deparo, uma vez mais, com a visão das suas costas e a realidade de ver um homem a afastar-se.

Nunca aceitei nenhum daqueles cinco pedidos de casamento, nunca os considereei realmente, pois ainda que fossem homens bastante agradáveis — alguns deles hediondos, mas na posse de *fortunas* muito agradáveis, nunca me fizeram sentir nada.

Nunca deslizaram para debaixo da minha pele e me agitaram.

Numa só noite, Nicholas Preston conseguiu-o.

capítulo três

— Como correu a noite passada? — pergunta-me o Eduardo Diaz em espanhol, a voz baixa, o olhar saltando de um lado para o outro, no restaurante apinhado, enquanto abordamos a apresentação que ele organizou entre mim e o Sr. Dwyer.

— Não tenho a certeza — admito. Não há propriamente razões para mentir a um homem que eu costumava chantagear para brincar comigo aos chás quando éramos crianças. O Eduardo é o tipo de amigo que é praticamente da família.

— Bem, como é que ficaram as coisas?

— O Sr. Dwyer disse que entraria em contacto. — Baixo a voz. — Fiquei com a sensação de que a CIA não tem um plano para se aproximar de Fidel, mas ele ficou intrigado com a ideia de me utilizar para alcançar esse feito.

O Eduardo bebe um gole do seu café, um franzir de sobrolho no seu rosto belo.

— Não é suficiente.

— Talvez não, mas o que queres que faça? O tipo é desconfiado. Se eu tivesse pressionado muito, o mais provável era que ele tivesse pensado que eu era uma agente cubana ou algo assim.

As atividades de espionagem entre Washington e Havana têm sido particularmente fervorosas nestes dias e diz-se que Fidel introduziu espiões nos cada vez maiores círculos de exilados.

— Talvez. — O Eduardo recosta-se no seu assento, bebendo mais um gole de café. Mal o volta a pousar sobre a mesa, uma empregada

aproxima-se para o encher de novo. Ele mostra-lhe um sorriso, um sorriso que já o vira empregar inúmeras vezes. As mulheres estão sempre a apaixonar-se pelo Eduardo Diaz, algo que temo ser um erro terrível. Ele é um sacana egoísta, embora adorável, e, de momento, a sua atenção está dedicada à nossa causa, e um par de belos olhos ou outras virtudes não o perturbarão. Por muito que o Eduardo goste de mulheres, gosta mais de Cuba.

Um suave tom rosado tinge as faces da empregada.

Quando a caneca de café do Eduardo fica uma vez mais cheia até à borda, a empregada deixa-nos.

— Ouvi dizer que conseguiste um admirador na noite passada — diz em tom pensativo.

— Imagino que ganhei mais do que um; dei o meu melhor como donzela em perigo: a princesa sem trono, que precisa de um valente cavaleiro que mate o dragão por ela. Os homens adoram disparates como esses.

Ele sorri.

— Alguns sim.

— Não estás disposto a matar dragões?

— Nem pensar. Sabes bem que odeio sujar as mãos.

— Bem, presumivelmente alguns destes homens americanos não partilham o teu sentimento.

Dizem que Nicholas Preston era um herói de guerra.

O olhar dele torna-se perspicaz.

— Por falar em homens americanos, ouvi dizer que recebeste um pedido de casamento num salão de baile.

O Eduardo não estava na festa, mas claramente, não sou o único par de olhos e ouvidos que ele colocou na sociedade de Palm Beach.

— Podias frequentar pessoalmente esses eventos, sabes. Em vez de confiares na tua pequena rede de espões para te revelar o que fizemos.

— Na noite passada estava a jogar às cartas. Revelou-se um esforço muito lucrativo.

— Às cartas? É isso que lhe chamam nos dias de hoje? Tenho a certeza de que houve outras, digamos, *distrações* na tua tarde.

O Eduardo goza de uma posição na sociedade que os restantes ainda não alcançaram. Apesar da sua temporária falta de fortuna,

veem-no como um partido, o tipo de acompanhante que as donas de casa e as mães ambiciosas aborrecidas adoram: a sua aparência elegante, os seus modos impecáveis, a companhia de jantar perfeita e sempre disponível.

— Não posso evitar se todos me acham irresistível — brinca.

— Por favor. É muito cedo para esse tipo de conversa, e fui para a cama muito tarde na noite passada.

— Então, eu não fui o único que teve uma noite *interessante*.

Ele consegue que «interessante» soe como algo muito malandro, sem dúvida.

— Duvido muito que a minha tarde tenha sido tão *interessante* como a tua, tendo em conta que fui para casa com os meus pais e as minhas irmãs, e tu foste para casa com... quem era ela? Uma viúva solitária ou uma aspirante a cantora de cabaret? Talvez uma esposa incompreendida, muito mais jovem?

— Oh, acho que a tua companhia da tarde foi muito mais interessante do que a minha.

Sinto as faces a aquecer. Apesar da falta de relação familiar entre nós, o Eduardo conseguiu sempre perturbar-me como só os irmãos mais velhos conseguem.

— Tenho a certeza de não saber a que te referes.

— Acho que sabes. — A sua expressão torna-se mais séria. — Trata-se de uma família americana poderosa, Beatriz. Influente na política.

— Podem ser, mas ele é um primo distante. Não me parece que seja influente nas suas decisões políticas.

— Não estava a falar acerca do pedido de casamento. Ouvei dizer que também chamaste a atenção de um certo senador.

A minha voz torna-se fria.

— Tens espões entre o pessoal que trabalha nestas festas ou serão convidados que converteste à tua causa?

— Sabes bem que não posso revelar todos os meus segredos.

— Foi apenas uma dança.

— Certo.

— Foi — insisto.

— Pelo que ouvi, ele passou a noite toda de olho em ti.

Não deveria fazer-me sentir satisfeita, mas faz.

— Ele passou a maior parte da noite a ficar noivo.

— Os homens noivos não deixam de ter olhos.

— Oh, encantador, é mesmo disso que preciso, um mulherengo.

— Sim, é melhor que seja um mulherengo... pelo menos, tendo em conta os nossos objetivos. Estou certo de que a sua bela noiva se sairá muito bem. O dia poderá chegar em que precisemos do seu voto no Senado, Beatriz.

Tenho de me esforçar por manter a minha voz leve.

— Da dança aos votos no Senado, céus, és mesmo ambicioso. Pensei que o plano era matar Fidel, não afogá-lo em legislação.

— Temos de manter todas as nossas opções em cima da mesa. Há uma festa esta noite. O senador Preston estará lá. Tudo o que sugiro é que o alicies um pouco, vejas se está interessado.

O meu olhar semicerra-se, a minha voz fica dura como aço.

— Podes não ter dificuldade em encontrar subalternos que façam o que ordenas, mas eu não estou à venda. Estou aqui por causa de Fidel, não para dormir com políticos para te ajudar a recuperares a tua fortuna.

— Pensei que estavas aqui por causa do Alejandro — contrapõe o Eduardo, sem o mais pequeno toque de vergonha na sua expressão. Que mania essa de atiraram o nome do meu irmão de um lado para o outro, como se eu me curvasse simplesmente à sua vontade só por puxarem os cordões do meu coração? Pode amar-se alguém e ainda assim não se perder a razão. — E, além disso, não é apenas da minha fortuna que estamos a falar — acrescenta o Eduardo. — Não queres uma melhor vida para ti, para os teus pais, para as tuas irmãs?

— Não vou dormir com o senador Preston por causa de ti ou pela memória do Alejandro. Ou por eu e as minhas irmãs sermos obrigadas a vestir os mesmos vestidos mais do que uma vez. Há outras maneiras de derrotar Fidel. Além disso, eu conhecia o meu irmão melhor do que ninguém e estou bastante certa de que ele se oporia a que eu me prostituísse pela causa.

Apesar da maneira como Fidel nos transformou a todos em pedintes, a educação do Eduardo ainda é suficiente para garantir que ele pareça, por fim, momentaneamente envergonhado.

— Está bem. Não durmas com ele. Mas vê o que consegues suscitar se fores mantendo vivo o seu interesse. Talvez ele se mostre mais disponível para nos ajudar, se gostar de ti.

— Ele vai casar-se — digo, para bem do Eduardo e talvez um pouco para meu próprio bem, a recordação necessária diante da lembrança do quanto eu me diverti na varanda na noite passada.

Terá ele, de facto, estado a observar-me durante toda a noite?

— E tu és Beatriz Perez — riposta o Eduardo.

— Não vou arruinar a vida de um homem ou as suas ambições matrimoniais. Não vou magoar pessoas inocentes.

— Ele é um político americano — contrapõe o Eduardo. — Quão inocente poderá ele ser? Os americanos têm as mãos sujas em tudo isto. Há uma festa hoje à noite. O teu senador Preston estará lá. Vem comigo.

Hesito.

Ele sorri.

— Qual é o mal de tentar? Tal como disseste, foi apenas uma dança.

O Eduardo lança o desafio com um brilho cúmplice nos seus olhos castanho-escuros — um desafio e um pedido em simultâneo — e maldito seja por isso, pois ambos sabemos que eu nunca fui de resistir a causas perdidas ou de me afastar de um desafio.

A multidão difere da noite anterior; não há matronas nem pais grisalhos. Este é um círculo bem fechado, alguns dos rostos familiares, mas acima de tudo imensamente diferente das festas que frequento na companhia dos meus pais.

— Estás linda — sussurra o Eduardo, o braço entrelaçado no meu, enquanto avançamos para o salão.

— É bem possível, mas é um pouco desconcertante quando o dizes assim.

— Assim como?

— Como se me estivesse a agitar à frente deles como um pedaço de carne.

O Eduardo ri, um sorriso preguiçoso estampado no rosto que chama a atenção da maioria das mulheres presentes no salão. Se não me

odiavam antes, o facto de ter aparecido de braço dado com um dos solteiros mais belos da temporada decerto não me fará quaisquer favores.

— Senti mesmo a tua falta quando ainda estavas em Cuba — murmura o Eduardo, os seus modos afetados indulgentes, transmitindo a sensação de que somos velhos amigos ou amantes.

O Eduardo deixou Cuba antes de nós, antes de o presidente Batista ter fugido do país na véspera de Ano Novo, abandonando-nos nas mãos de Fidel no Dia de Ano Novo. Sempre me perguntei se todo o dinheiro que o Eduardo tinha passado a várias pessoas, ao longo dos anos, lhe dera algum aviso de que as sortes de Cuba estavam prestes a mudar.

— A maioria das mulheres com quem me cruzo nos dias que correm passa o seu tempo a elogiar-me — acrescenta ele, com um sorriso rasgado. — Na verdade, é extenuante.

Refreio um fungar, ao mesmo tempo que afasto dele o meu olhar e o deslizo pela multidão.

Sinto a respiração presa.

Um par de olhos azuis fixam-se nos meus e o Eduardo é momentaneamente esquecido.

Esta noite não está acompanhado pela noiva ou, se está, não são o tipo de casal que se pendura nos braços um do outro. O mais provável é que ela se encontre num outro local mais respeitável, tal como a maioria das raparigas solteiras de boas famílias. É esse tipo de festa.

Nicholas Preston está tão belo como na noite anterior, envergando um fato em vez de um smoking, a sua pele saudável e bronzeada contra o colarinho ofuscantemente branco.

A sociedade elegante visita Palm Beach durante estes meses de inverno para escapar às temperaturas mais inclementes do norte, e é fácil imaginar o senador Preston a encontrar-se com a família Kennedy sob o sol do início da manhã na Florida ou a percorrer as praias arenosas nas últimas horas do dia. Ele transmite a impressão de ser mais feliz quando está a fazer alguma coisa: seja ao leme de um barco à vela, a agarrar a alavanca de comando de um avião, no dorso de um pônei de polo trazido de uma qualquer propriedade elegante, ou com uma raquete ou taco na mão, preparado para esmagar por completo o seu adversário.

Mantenho-me ao lado do Eduardo enquanto este saúda o nosso anfitrião, o herdeiro de uma fortuna dos jornais cuja família é imortalizada no *Social Register*, que serve de bíblia não oficial à minha mãe quando se debruça sobre os nomes, em busca de um homem elegível que possa tornar noivo de uma das suas filhas ainda por casar.

O olhar do Nicholas Preston segue-me, demorando-se sobre a pele nua que o meu vestido deixa exposta, a mão do Eduardo no meu corpo, o ponto onde as nossas peles se tocam.

Quando o Eduardo me conduz para a pista de dança improvisada, sinto um arrepio a percorrer-me a espinha, o peso do olhar do Nicholas é perturbador, a expressão curiosa dos restantes convidados afiada. Ter-se-iam apercebido da atenção que estou a receber do canto da sala onde se encontra Nicholas Preston? Ou serão os seus olhares apenas uma reação a verem-me com o Eduardo, a maneira como as nossas feições escuras se complementam, a familiaridade com que nos movemos, uma confirmação da sua desconfiança de que sou a amante do Eduardo ou algo igualmente vulgar?

— Ele vai convidar-te para dançar — vaticina o Eduardo, antes de me soltar para me fazer girar.

Espreito por cima do seu ombro.

Nicholas Preston continua a observar-me. Sinto a pele dos braços a erguer-se em pele de galinha, os movimentos giratórios deixando-me levemente tonta. Ou talvez seja tudo o resto nesta noite: o homem, o subterfúgio, o desejo que se enrosca dentro de mim.

A verdade a seguinte: quero que Nicholas Preston se intrometa. Quero que ele atravesse o salão de baile e me convide para dançar, e quero fingir que sou apenas uma rapariga de 22 anos, a rapariga que era antigamente.

Só quero dançar com ele. Está bem, também namoriscar um pouco.

A canção termina sem que eu volte a olhar de relance na sua direção; trata-se de um esforço hercúleo, tendo em consideração que sinto a sua atenção sobre mim, tão certa quanto uma carícia física. O Eduardo tinha razão; ele observa-me.

Constantemente.

O Eduardo deixa-me a sós num canto, com um piscar de olho e a promessa de que regressará com champanhe. Trinta segundos depois...

— Dance comigo.

O meu sobrolho ergue-se perante a voz suave, a confiança contida naquelas palavras, enquanto luto para manter o sorriso longe dos meus lábios vermelhos. Aprecio o facto de, também ele, tratar isto como se fosse pouco mais do que uma conclusão inevitável, como se fôssemos dois ímans que se atraem mutuamente, a sua arrogância temperada pelo peso do olhar sobre mim durante toda a tarde.

— O pedido perdeu parte do seu brilho. O que era eu antes, «ladra de corações», não era?

Ele sorri.

— Pensei que o meu encanto não funcionasse em si.

Não sou capaz de formular uma resposta adequada.

— As pessoas vão falar — digo antes.

— Sim, vão.

— É ano eleitoral.

Ele ri.

— É sempre ano de eleições.

— E está noivo.

— Estou. Mas não tema, não perderei o coração por causa de uma dança.

Sorrio, devolvendo a sua tacada verbal.

— Mas eu posso perdê-lo.

Uma covinha pisca-me o olho quando ele me oferece a mão. Os dedos por enquanto libertos de uma espessa aliança de casamento dourada.

— Então, teremos de arriscar, não é?

Hesito.

Não estava apenas a ser recatada há pouco. Ando na corda bamba no que diz respeito à minha reputação.

Ainda assim, não consigo ir buscar a energia necessária a recusar-me aquele prazer.

Pouso a minha mão na sua, os dedos entrelaçando-se nos dele, as palmas das nossas mãos tocando-se.

Há sussurros; gritinhos abafados. É irónico, na verdade, tendo em conta que estamos rodeados de homens e mulheres que dançam com parceiros com quem não estão casados aos olhos da lei.

Mas se aprendi alguma coisa neste último ano, é que existem papéis diferentes para aqueles que nascem neste enclave e para intrusos como eu. Se o pedido de Andrew na noite anterior os incomodou, esta noite deixá-los-á, muito provavelmente, apopléticos. Na hierarquia social de Palm Beach, é impossível uma mulher solteira — ou casada — chegar mais alto do que Nicholas Randolph Preston III. É a ele que todos seguem.

Ele sabe-o, também.

Parece imune aos olhares, ao agitar das línguas, não revelando sinal algum na sua passada. Ao mesmo tempo, é impossível não ver a maneira como a sua respiração se prende quando pouisa a mão na minha cintura.

— Está a divertir-se, esta noite? — pergunta ele.

Inclino a cabeça para o lado, estudando-o enquanto dançamos.

— Devemos ter uma conversa delicada agora?

— Preferia que tivéssemos uma conversa indelicada?

— Talvez. O que envolveria isso, exatamente?

— Imagino que começasse e terminasse no seu vestido.

Coro sob o dito tecido.

— É um vestido muito belo.

Um vestido de que a própria Marilyn Monroe se teria orgulhado, abraçando as minhas formas de um modo decadente, perfeito para realçar a abundância de curvas que Deus me deu. A minha mãe quase não aprovava o vestido, a sua preocupação em relação aos rumores a guerrear com a sua necessidade de casar as filhas com uma precisão quase militar. O pragmatismo ganhou ao decoro, tal como tantas vezes acontece.

— Está a tentar roubar o meu coração? — A sua expressão é de um alarme trocista.

— Só um bocadinho — digo, provocadora.

O meu olhar desliza para os restantes convidados antes de regressar ao meu parceiro.

— Tendo em consideração como as coisas ficaram a noite passada, pensei que estivesse zangado comigo.

— Não creio que nos conheçamos há tempo suficiente para que nos zanguemos um com o outro.

**Dividida entre a vida que deixou para trás
e um futuro difícil de concretizar, uma mulher
à frente do seu tempo arriscará tudo pelos seus ideais.**

A Revolução Cubana roubou quase tudo a Beatriz Perez — a casa, a pátria, a vida do seu irmão. Obrigada a refugiar-se na Florida com toda a família exilada, é recrutada pela CIA para se aproximar de Fidel Castro, a quem havia jurado vingança por tudo o que acontecera em Cuba. Beatriz vê-se assim envolvida no perigoso mundo da espionagem, ao mesmo tempo que se debate com os seus próprios conflitos pessoais, decorrentes do romance proibido que mantém com uma figura proeminente da política norte-americana.

Com o aumento da tensão entre Cuba e os Estados Unidos, a teia de interesses políticos e sociais torna-se mais apertada em seu redor. Quando o curso da História começa inevitavelmente a fugir ao seu controlo, Beatriz tem de fazer a mais difícil das escolhas — entre o passado e o presente, entre o amor e os seus sonhos e ambições mais profundas.



«Uma conturbada história de amor e um relato visceral da História. A escrita de Chanel Cleeton pulsa com paixão e intimidade... Há muito que se mostrara uma escritora notável, mas em *Quando Deixámos Cuba* escreve com uma força sublime que nos mantém presos às suas palavras.»

THE WASHINGTON POST



TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-668-891-2  9 789896 688912 Romance Histórico
--	---